

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HV-MA-003 A / B

Entrevistado: Ruth Camargos Costa (Irmã Ruth)

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 16/01/2007

Horário da entrevista: 10h

Duração da entrevista: Tempo total: 1h54min45seg – DVD / A: 59min23seg – DVD / B: 54min45seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Luana Campos e Silva (monitora)

Assistente: Rosilene Magda Figueiredo (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 23/03/2007

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 26/03/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg e Eder Donizete de Melo

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

Keka Simões – A senhora poderia nos dizer seu nome completo, a data e o local de nascimento?

Irmã Ruth – Meu nome: Ruth Camargos Costa. Data de nascimento: primeiro de outubro de 1922. Local de nascimento: Justinópolis¹. Houve aí uma coisinha qualquer que eu expliquei para o rapaz². Eu tenho duas carteiras de identidade. [riso]

Keka Simões – Ah, é?

Irmã Ruth – É. Uma vem com Justinópolis, outra vem com Campanha³. Essas coisas de mudanças para cá e para lá, a cidade muda, a gente nem sabe que a cidade mudou, nem coisa nenhuma! Então, uma vez eu fui assaltada, aqui em Mariana, e me preocupei demais, porque carregaram a minha carteira de identidade com todos os meus papéis. E eu fui a Belo Horizonte⁴, no mesmo dia, para poder pedir outra certidão. E veio Justinópolis.

Keka Simões – Então tem duas?

Irmã Ruth – Tenho duas agora. [risos]

Keka Simões – A senhora tem algum apelido, Irmã?

Irmã Ruth – Não. Graças a Deus, não. Porque meu pai nunca gostou de apelido. [riso]

Keka Simões – A senhora podia nos contar um pouquinho, porque a maioria das pessoas pode não saber... Quando ingressou na vida religiosa, a senhora passou a ter outro nome, não é?

Irmã Ruth – Sim.

Keka Simões – Qual foi o nome que a senhora passou a ter? E qual o motivo desse nome?

Irmã Ruth⁵ – Quando chegava a uma casa da Comunidade, a superiora já estava esperando a gente. A gente saía do nosso... Nós não falávamos Postulado, falávamos Seminário. Nós saíamos do Seminário e íamos para a

¹ Município de Minas Gerais.

² Refere-se ao monitor Eder Melo.

³ Município de Minas Gerais.

⁴ Capital de Minas Gerais.

⁵ A entrevistada não respondeu à pergunta. Ela passou a se chamar Irmã Teresa.

casa da... Embarcávamos, íamos nesses trens, mesmo. Não tinha nada de ônibus para cá, para lá! Então a gente ia... Às vezes, sozinha! Era muita maldade daquele povo deixar a gente viajar sozinha, não é? E com um saco. A irmã, a superiora, a diretora – a gente falava diretora – colocava, nesse saco, alguma coisa de que a gente tivesse necessidade, mas muito pouca coisa. Aí a gente embarcava. Então, eu fui para São Paulo⁶, onde me colocaram para olhar a meninada toda, para dar banho nesses meninos. Uma creche, em São Paulo, cujo nome é Catarina Labouré⁷, na Rua... Não me lembro agora o nome da rua. Em São Paulo, fiquei pouco tempo, porque o clima era muito frio para mim, eu estava gripada constantemente e já estava com a visão um pouco tomada. Acho que eu falei com você: desde que eu estava no Seminário, me prejudicaram por causa dessa visão. Eu pedia para ir ao médico, mas todo mundo achava que eu não precisava, que não tinha importância, que era uma coisa passageira. Um dia, eu resolvi descer umas escadas de pau, de madeira, muito bem feitas. Nosso diretor ficava lá embaixo, em uma das salas, dessas salas de madeira. Então, nesse lugar onde tinha essa escada de madeira... Eu falei assim: “Bom, eu vou pedir ao superior aí...” Ele era muito nosso amigo, muito amigo do meu pai. Chamava-se Tobias [de Quieter]⁸.

Keka Simões – Tobias de...?

Irmã Ruth – De [Quieter]⁹. Eu pedi para ele assim: “Olha, padre. Eu não agüento mais, a minha vista está a cada dia caindo! E eu não agüento mais! Eu quero ir embora para a minha casa! Eu não quero mais ficar aqui”. Ele falou assim: “Mas, minha filha, por que você quer ir embora?” Eu falei assim: “Mas eu não agüento! A minha vista, todo dia, está piorando cada vez mais e ninguém me atende!” Aí resolveram... Porque eu fui pedir ao padre diretor. Então a superiora, o ecônomo, ela se chamava [inaudível], chegou e disse assim: “A senhorra conta tudo ao médico, o que a senhorra sente”.¹⁰ Eu falei assim: “Graças a Deus, eu vou ao médico hoje!” E me levaram ao médico. A consulta era gratuita, porque as irmãs nunca pagavam a consulta! Mas era a

⁶ Capital do estado de mesmo nome.

⁷ Santa Catarina Labouré, irmã da ordem das Filhas da Caridade, foi canonizada no dia 27 de julho de 1947. Através de visões, lhe foi revelado que seria a escolhida pela Virgem para manifestação da Medalha Milagrosa. No dia 31 de dezembro, comemora-se o seu dia.

⁸ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

⁹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁰ Imita o sotaque da referida irmã.

hora em que o médico tivesse vaga. Então, eu fiquei sentadinha na cadeira e a hora não passava. Entrava uma pessoa ali, para a sala do médico, e saía. E eu ficava ali. Eu falei: “Meu Deus! O que é isso? Por que eu vou ficar aqui a vida inteira?” – era o meu pensamento, sem poder falar nada com a irmã que me levava. E eu com uma fome! [riso] Gente nova tem muita fome, não é? Eu tinha muita fome! Eu falei assim: “Meu Deus do céu! O que vai acontecer comigo?” Com a graça de Deus, quando foi muito tarde – não sei se eram seis e meia ou sete horas da noite –, o médico falou assim: “Irmãzinha, pode entrar”. A gente era chamada de irmãzinha, naquela época. Eu entrei e fiz a consulta. O médico falou comigo: “Ah, irmã! Por que a senhora deixou chegar até esse ponto? A sua visão está muito fraca. A senhora está com uveíte e com uveíte precisa ter muito cuidado!” Então fui embora. Elas arranjaram o remédio que estava precisando... Naquela situação, eu falei assim: “Meu Deus...” Nós tínhamos no nosso Seminário... O Seminário era mais ou menos uma sala grande, um salão grande, e nós éramos mais ou menos 130 irmãzinhas.

Keka Simões – Como se chama o Seminário?

Irmã Ruth – O Seminário não tinha...

Keka Simões – Não tinha um nome?

Irmã Ruth – Não. Era o Seminário da nossa Casa Provincial, no Rio de Janeiro¹¹. Eram bancos largos e a diretora ficava no meio, como vocês estão aí; só que os bancos eram aqui do lado¹². Nesse Seminário a gente costurava, fazia uma coisa, fazia outra... Depois, a superiora vinha e fazia para nós uma preleção. Daí então nós... Eu não fiquei costurando, não. A superiora me deu umas linhas para enrolar. A única coisa que eu podia fazer era enrolar linha. [riso] Não tinha outra costura para fazer, não podia firmar a vista. Nesse meio tempo... Nós tínhamos uma cestinha pertinho do altar de Catarina Labouré – Catarina Labouré era a dona do Seminário, era a santa que comandava o Seminário, ainda era noviça. Eu vi naquela cesta – nós chamávamos de *détachement*¹³ – aquelas medalhas ou aqueles santos que a gente deixava lá, por desapego. Até retrato de família ia para lá também! Todo mundo tinha que desapegar da sua vida [riso], das coisas assim. Então, eu achei uma medalha

¹¹ Capital do estado de mesmo nome.

¹² Indica as laterais do Vagão Oficina de Vídeo.

¹³ Palavra francesa que significa desapego, desinteresse, desafeição.

de Santa Luzia¹⁴ e falei assim: “Esta aqui vai ser minha. Vai ser minha esta medalha”. Aí eu falei assim: “Bom, eu não vou mexer, mas eu tenho de dar um jeito”. Fui e tirei a medalha. Inocente também... Não sei se podia tirar ou não podia. Tirei a medalha. Quando fui à diretora do Seminário – porque a gente conversava sempre com a diretora do Seminário –, falei com ela assim: “Olha, eu tirei esta medalha da cestinha do *détachement*”. Ela falou: “A senhora fez muito mal em ter tirado. A senhora não podia ter tirado essa medalha de jeito nenhum! Mas, não tem importância. A senhora agora vai ficar com essa medalha, eu vou lhe dar essa medalha”. E eu fiquei com essa medalha. E até hoje tenho essa medalha! Coloquei essa medalha e pedi a Santa Luzia que me curasse da vista. No entanto, graças a Deus, eu estou muito bem, atualmente. Faço tudo o que posso agora. Mesmo dentro da educação, trabalhei muito com a vista desse jeito. E dá tudo certo.

Keka Simões – Irmã, qual é o nome dos seus pais? A senhora me falou do seu pai, mas qual é o nome dele?

Irmã Ruth – Antonino Augusto Costa.

Keka Simões – E da sua mãe?

Irmã Ruth – Conceição Vitalina Camargos.

Keka Simões – Certo. Em que seu pai trabalhava?

Irmã Ruth – O meu pai tinha uma fazenda justamente em Freitais.

Keka Simões – Freitais?

Irmã Ruth – Freitais.

Keka Simões – Onde fica?

Irmã Ruth – Fica perto de Belo Horizonte, um município perto de Belo Horizonte. Ele queria que a gente fosse para Belo Horizonte, queria que os filhos todos estudassem. Naquele tempo, não tinha essa bolsa de estudo, não tinha nada! Era o sacrifício dos pais mesmo, não é? E nós fomos, desde pequenininhos, para lá.

Keka Simões – Para Belo Horizonte?

Irmã Ruth – Para Belo Horizonte. Tanto é que eu fiz o pré-escolar no Delfim Moreira¹⁵. Depois estudei no Sagrado Coração de Jesus¹⁶, não como interna,

¹⁴ Considerada a protetora dos olhos, no dia 13 de dezembro comemora-se o dia de Santa Luzia.

¹⁵ Atualmente, Escola Estadual Delfim Moreira.

¹⁶ Colégio Sagrado Coração de Jesus, localizado na Serra, bairro de Belo Horizonte.

como externa. Todos os meus irmãos também estudaram. Só quem não estudou foi uma minha irmã, porque essa minha irmã... Nessa ocasião, meu pai teve uma conta muito grande para pagar, do irmão dele. Ele olhava também por esse irmão. Então, ela não pôde estudar, porque o estudo era sempre à base do dinheiro. E tinha também o especial, porque a gente ia de especial para lá e para cá, então...

Keka Simões – Quantos irmãos a senhora teve?

Irmã Ruth – Olha, meus irmãos eram 14. Mas vivos são nove. Atualmente, nós somos três, duas irmãs... Três irmãs: Maria, Terezinha, Inês¹⁷. E eu. Os outros todos já faleceram.

Keka Simões – Certo. A senhora falou que seu pai era fazendeiro, mas que vocês estudavam em Belo Horizonte. Vocês se mudaram para Belo Horizonte?

Irmã Ruth – Mudamos para Belo Horizonte.

Keka Simões – A família toda, a sua mãe...

Irmã Ruth – Todo mundo.

Keka Simões – A senhora lembra onde morava em Belo Horizonte, durante a infância e a adolescência? Como era?

Irmã Ruth – A nossa casa ainda, até o presente momento, é na Rua Oeste, 350. Esquina Andes com Oeste.

Keka Simões – Como é?

Irmã Ruth – Rua Andes, esquina com Oeste.

Keka Simões – Ah! Andes.

Irmã Ruth – Número 350.

Keka Simões – Que bairro é?

Irmã Ruth – Mais ou menos Prado ou Calafate. Eles falam que aquela... Agora já mudou muito, não é?

Keka Simões – Como era a rotina na sua casa, nesse período da infância e da adolescência? A senhora tinha alguma obrigação em casa? Seus irmãos?

Irmã Ruth – Olha, a minha mãe era muito trabalhadora e não gostava que a gente fizesse coisa nenhuma por causa dos estudos. Ela queria que todo mundo estudasse sua lição. Depois que preparasse a lição, a gente poderia fazer alguma coisa, ajudá-la em alguma coisa. Minha mãe nunca teve

¹⁷ A entrevistada não mencionou os nomes completos.

empregada dentro de casa para poder ver isso e uma coisa e outra, não. Apesar do meu pai, às vezes, não estar em casa, porque vinha para a fazenda... Ele trazia tudo da fazenda, para Belo Horizonte. Por exemplo, porco. Matava-se o porco lá em casa. A gente até gostava dessas casinhas, brinquedo de casinha. Então a gente pedia: “Papai...” “Mamãe, me dá o rim do porco. Me dá...” Aquelas coisas miúdas do porco. Então fazia lá a casinha da gente. Mas o porco era frito, colocado, por exemplo, naquelas latas grandes. Eu me lembro, até hoje, daquelas carnes todas colocadas naquelas latas! E torresmo, tudo aquilo ali. Era uma casa, graças a Deus, muito farta!

Keka Simões – A senhora falou que vocês pediam para sua mãe o rim do porco...

Irmã Ruth – Os miúdos.

Keka Simões – Os miúdos, para brincar de casinha. Aí vocês cozinhavam?

Irmã Ruth – Cozinhávamos. Fazíamos um fogãozinho... Minha casa era muito grande. Até hoje é um terreno muito grande, muito mesmo! Então, a gente fazia um fogãozinho e fazia tudo ali.

Keka Simões – Essa era uma das brincadeiras preferidas da senhora?

Irmã Ruth – Era, uma das brincadeiras.

Keka Simões – Quais outras brincadeiras?

Irmã Ruth – Agora, brincadeira era na porta da casa da gente. Belo Horizonte não era como hoje é, não é? Antigamente, os vizinhos todos, aquela menina toda vinha para perto da casa da gente. Os pais da gente se sentavam, às vezes, à porta também. Punham aquelas cadeiras, sentavam-se ali e a gente brincava de roda, brincava de jogo... Esses jogos que a gente hoje brinca: barra-manteiga, aqui está o grilo, não sei mais o quê. Aquela porção de coisas, porque era uma porção de brincadeira. Era roda de noite... Porque não tinha televisão, não tinha nada disso! Então, era todo mundo ali. Os pais contando casos e a gente, as crianças, brincando.

Keka Simões – A senhora falou de uma brincadeira que eu não conheço: aqui está o grilo?

Irmã Ruth – É, aqui está o grilo. É uma brincadeira de roda. Faz a brincadeira e vai com uma varinha atrás da roda. Todo mundo tem os olhos fechados. A gente colocava aquela varinha perto de um menino e falava assim: “Aqui está o grilo!” Abria os olhos e todo mundo queria ver o grilo. Quando a menina via o

grilo, a varinha, ela pegava a varinha e corria de novo; era ela que ia com a varinha para poder colocar em outra pessoa.

Keka Simões – A senhora falou que começou sua vida escolar no Delfim Moreira, não é isso?

Irmã Ruth – É. E depois...

Keka Simões – Durante quanto tempo a senhora ficou no Delfim Moreira? Como era a escola, o espaço físico?

Irmã Ruth – Era uma escola muito boa. A gente tomava bonde. Tinha um bonde em Belo Horizonte. Nós éramos três, eu mais dois irmãos, um irmão e outra irmã. Então a gente tomava o bonde. Às vezes, o papai levava a gente ou o papai não levava ou então minha mãe levava ou a gente ia sozinha, porque não tinha muito movimento em Belo Horizonte. E porque o bonde passava na Rua Platina, que hoje ainda existe. A gente tomava o bonde e tinha também o especial. O Jardim, o Delfim Moreira é bem ali... Ainda existe o Delfim Moreira, está na Rua... Eu não sei. É uma rua lá em cima, não sei se é Curitiba...

Keka Simões – Eu acho que é na Espírito Santo. Não é no centro?

Irmã Ruth – Eu acho que é no centro.

Keka Simões – Ele já era ali?

Irmã Ruth – Ele já era ali. Toda vida foi ali. Então, a gente tomava e ficava... Era ao meio-dia que se entrava para as aulas e ia até as quatro horas.

Keka Simões – Como era o dia-a-dia na escola? Tinha que tipo de estudo? Era uma pré-escola? Que tipo de brincadeira? Como isso funcionava?

Irmã Ruth – Era só pré-escola, mas tinha também brincadeira. Depois que tirava o diploma de lá, a gente ia para outro lugar que os pais quisessem. Meu pai gostava muito do Sagrado Coração de Jesus. Perto lá de casa tinha um Grupo, Bernardo Monteiro¹⁸, mas meu pai não gostava do Bernardo Monteiro¹⁹. [riso] Ele era muito político e não gostava daquele Grupo Bernardo Monteiro: “Não, vocês vão estudar em outro canto, em outro lugar”. Então, a gente foi para o Sagrado Coração de Jesus. Agora, meus irmãos foram para o Colégio

¹⁸ Escola Estadual Bernardo Monteiro, localizada no Calafate, bairro de Belo Horizonte.

¹⁹ Bernardo Monteiro Pinto nasceu em Ubá, Minas Gerais, no dia 11 de novembro de 1858. Foi advogado, industrial, jornalista e agricultor. Entre seus mandatos e cargos públicos, destacou-se como vice-presidente da Câmara Municipal de Ouro Preto. Foi ainda vereador, prefeito, deputado federal e senador.

Arnaldo²⁰. Tinha um colégio para os homens e um colégio para as mulheres: masculino e feminino.

Keka Simões – Até quando a senhora ficou no Colégio Sagrado Coração?

Irmã Ruth – Até eu tirar o diploma.

Keka Simões – Diploma de Magistério?

Irmã Ruth – É. Ali era muito apertado! Nós tínhamos professores muito bons e era um colégio muito afamado também.

Keka Simões – Nesse período escolar, quais eram os tipos de matéria, de disciplinas? Para a senhora, que é professora, que continuou trabalhando, o que é diferente de hoje, por exemplo?

Irmã Ruth – As matérias são todas as mesmas: Matemática, Português... Agora, hoje, o que aumentou muito nos colégios foi essa parte de Sociologia, Psicologia e tem uma matéria muito também que... Física e Química, não é? Agora, o resto, eram as mesmas matérias.

Keka Simões – As mesmas matérias. Não tinha outra que hoje não tem? Por exemplo, trabalhos manuais, alguma coisa assim extra...

Irmã Ruth – Nós tínhamos trabalhos manuais. A gente fazia até muitos vasos de argila. Trabalhávamos muito com argila, pintávamos vasos, fazíamos aquelas... Como chama? Uns desenhos com argila para ornamentar aquele vaso.

Keka Simões – Dessa escola, Irmã, a senhora tem alguma lembrança positiva, alguma lembrança negativa? Qual sensação a senhora tem desse período da sua vida, em relação à escola em que estudava?

Irmã Ruth – Olha, tinha muita disciplina! As escadas não eram como a escada de hoje. Eram aquelas escadas de madeira e a gente tinha que subir as escadas para ir embora para a sala de aula sem fazer barulho! Na ponta do pé! [riso] Lá as irmãs eram muito exigentes! Eu gostava demais de Português! Eu gostava muito! Mas da Matemática eu não gostava, porque o professor era muito bravo! Chamava-se Clinder, Doutor Antônio Clinder²¹. Ele era muito bravo! Ele não admitia que se fizesse pergunta, de jeito nenhum! Então todo mundo tinha... Acho que era para a gente tomar aula particular. Eu mesma

²⁰ Localizado no Funcionários, bairro de Belo Horizonte.

²¹ Nome sujeito à confirmação.

tinha essa tal de aula particular, que era depois da aula. Ele dava essas aulas particulares.

Keka Simões – Ah, era ele mesmo quem dava?

Irmã Ruth – Era ele mesmo. Acho que era por interesse próprio, porque ele nem gostava que se fizesse pergunta. A gente estudou muita raiz quadrada... Como é essa... Juros e outras coisas também, que eu não lembro mais agora. A Matemática era muito profunda! Agora, nós tínhamos também o Francês, que era obrigatório. A gente estudava muito Francês.

Keka Simões – Na escola, quais datas cívicas eram comemoradas? A senhora lembra?

Irmã Ruth – Sete de Setembro²² era muito comemorado! Tiradentes²³ era comemorado demais! Agora... Dia da Bandeira²⁴...

Keka Simões – Como eram essas comemorações? O que acontecia?

Irmã Ruth – As meninas iam todas, os alunos [inaudível] apresentados no Colégio. Eram todas uniformizadas. A gente tinha um uniforme, que tinha um gorro também. O gorro era azul-marinho e, para o Curso Normal, os botões eram amarelos e o cadarço amarelo. Era primeiro Normal, segundo Normal e terceiro Normal. E tinha o Adaptação. Adaptação era verde. Primeiro de Adaptação, segundo de Adaptação. O primeiro de Adaptação... Era o que hoje a gente chama primeira e segunda série. O Curso Normal era de primeiro Normal até terceiro Normal. Quando chegava ao terceiro Normal, a gente pegava o diploma.

Keka Simões – O Adaptação seria antes do Normal...

Irmã Ruth – Antes do Normal. Primeiro de Adaptação e segundo de Adaptação. Se passasse, ia para o Normal.

Keka Simões – Certo. E tinha essa diferenciação do uniforme no cadarço.

Irmã Ruth – É. A saia era uma saia pregueada. Tinha meia preta na época. [riso] Uma meia preta, sapato preto também, fechado – não podia ser sapato aberto. E também blusa, uma blusa de fustão com gola redonda e de mangas compridas. Agora, eu gostava demais era disto: a gente se juntava, às vezes, com as coleguinhas e descia... O Sagrado Coração de Jesus era ali na Serra.

²² Data comemorativa do Dia da Independência do Brasil.

²³ Comemorado no dia 21 de abril.

²⁴ Comemorado no dia 19 de novembro.

Então a gente descia para a Avenida Afonso Pena naquela conversa com as colegas. Tinha um rapaz que vendia um tal de... Como chama? Doce de coco, mas era doce de coco em um tabuleiro. Então partia. A gente pedia para ele: “O senhor me dá 200 réis do doce?” Ele tirava um pedaço do doce, punha em um papel almaço... Não, como é? Um papel...

Keka Simões – Papel de seda, papel manteiga?

Irmã Ruth – É, papel manteiga. Não se chamava papel manteiga, não. Papel impermeável. Colocava ali, no papel impermeável, e a gente ia feliz da vida, tomar o outro bonde. Porque eram dois bondes: um que ia do Prado ou do Calafate até o centro; outro do centro até... Ali tinha especial também, mas meu pai dava para a gente 400 réis. Então a gente fazia assim: “Nós não vamos tomar ônibus. Nós vamos comer um doce de coco”. Então a gente descia, aquela porção de moças descendo, comendo doce, contando prosa. Era muita amizade!

Keka Simões – Esse especial, então, era ônibus?

Irmã Ruth – Não, o especial era um bonde também.

Keka Simões – Um bonde também. Mas era um bonde diferente?

Irmã Ruth – Não, era igual, mas já tinha o lugar da pessoa. O especial, por exemplo, passava em diversos bairros, porque o Colégio tinha gente de diversos bairros.

Keka Simões – Ah, sim! Ele atendia às pessoas daquele Colégio?

Irmã Ruth – É. No especial já tinha qual era o meu lugar, o meu lugar e o da outra minha irmã. O outro meu irmão estudava no Colégio Arnaldo.

Keka Simões – A senhora falou que, no dia dessas festas, tinha que chegar com o uniforme e todo mundo tinha que ir para o Colégio. E aí o que tinha no Colégio?

Irmã Ruth – O canto. Canto da bandeira, não é? Hasteava a bandeira nacional para poder reunir as pessoas. E cantava, às vezes, o Hino Nacional. Depois vinha uma espécie de sessão cívica.

Keka Simões – E cerimônias religiosas no Colégio, Irmã, quais aconteciam? Era um Colégio religioso, não era?

Irmã Ruth – Tinha uma missa... Uma festa, por exemplo, da superiora da Casa; então uma missa. Páscoa, Ressurreição²⁵, a gente comparecia a essas missas. Mas todo mundo de uniforme. Ela não dispensava uniforme. E dava um aviso: “Amanhã vai passar um especial”.

Keka Simões – Por exemplo, no caso da missa da Ressurreição, isso acontecia no Colégio ou as alunas, as irmãs e a superiora iam a alguma igreja?

Irmã Ruth – Não, acontecia no Colégio! Às vezes, quando era uma festa muito assim, que tinha que ser na Catedral Boa Viagem²⁶, elas avisavam: “Vai ser na Catedral, lá na Boa Viagem. Mas o ônibus vai passar por lá e vai pegar”. O ônibus não. O bonde.

Keka Simões – O que acontecia se alguém não fosse? Tinha alguma penalidade?

Irmã Ruth – Eu não sei, porque toda vida eu fui muito freqüente. Eu gostava muito dessas coisas. Também a gente não sabia quem estava recebendo castigo. As irmãs eram muito assim... Qualquer coisa que acontecia com um aluno era muito ocultada. A gente não sabia, nem sabia nada, não.

Keka Simões – Ah, entendi!

Irmã Ruth – Reservadas, não é?

Keka Simões – Durante as férias escolares, o que a senhora fazia?

Irmã Ruth – [Pausa] A gente tinha o piquenique, de vez em quando, e uns divertimentos que a gente fazia com aquelas colegas. O meu pai deixava a gente sair, minha mãe também. Não era assim: “Você não pode ir para aquilo! Não, não!” Ele dava conselho: “Pode ir, pode ir. Agora, cuidado!” Então a gente observava aquilo que meu pai dizia. Tinha uma caixa d’água... Hoje tem a Igreja Cura D’Ars²⁷ nessa caixa d’água. A gente passava pela... Hoje tem a Avenida Amazonas²⁸ por ali. Não tinha a Avenida Amazonas, era uma espécie de uma barroca. Aí a gente passava naquela rua, subia e ia para a caixa d’água. E esses brinquedos inocentes com que a gente brincava, corrida, uma coisa ou outra... Tudo com as colegas.

Keka Simões – Fazia um piquenique lá?

²⁵ Procissão da Ressurreição de Cristo, evento religioso relacionado com a Semana Santa.

²⁶ Catedral de Nossa Senhora da Boa Viagem, localizada no bairro Funcionários.

²⁷ Igreja da Paróquia Santo Cura D’Ars, localizada no Prado, bairro de Belo Horizonte.

²⁸ A Avenida Amazonas passa pelo centro de Belo Horizonte e segue em direção à saída para o estado de São Paulo, atravessando vários bairros da cidade.

Irmã Ruth – Fazia um piquenique.

Keka Simões – Hoje a Igreja Cura D’Ars é nesse local?

Irmã Ruth – Atualmente, é nesse local.

Keka Simões – Em que momento a senhora decidiu ingressar na vida religiosa? Como a senhora soube ou sentiu que deveria seguir esse caminho?

Irmã Ruth – Olha, minha mãe era muito religiosa. Ela não deixava de assistir a uma missa. Meu pai também acompanhava minha mãe. Tanto é que eu tive um irmão que foi padre. Ele morreu até muito novo. Tomava conta dessa Igreja Cura D’Ars. Então é... Uma vez, eu fiz uma excursão na Serra da Piedade²⁹ e gostei demais das irmãs! Todo mundo de corneta, naquela euforia, naquela coisa toda, não é? Eu achei interessante, porque lá perto de casa tinha o... Tinha a Capela das Irmãs da Piedade. Mas eu não gostava muito daquelas irmãs da Piedade, porque todo dia que tinha que ter uma saída, a irmã pedia: “Ah, deixa a Rutinha comigo, deixa a Inês comigo!” Eu não gostava, falava assim: “Ah, mamãe! Eu não vou! Para que eu vou? Não vou, não”. Agora, as irmãs de cá³⁰, de corneta, nessa vez que eu fui...

Keka Simões – O que é corneta, Irmã?

Irmã Ruth – Corneta era aquilo que a gente usava. Acho que a senhora não pegou, não é?

Keka Simões – Não.

Irmã Ruth – A corneta era assim: o ponta-pé era um pedaço de pano de cambraia. Esse pano era engomado. Um pano assim mesmo: engomado. E tinha umas placas de zinco que a gente... Uma vez por semana, todas as irmãs se juntavam e nós tínhamos que colocar as cornetas na placa. Todas as irmãs se juntavam e iam para a lavanderia. Todo mundo pegava uma, duas, três cornetas e colocava na placa. Todo mundo trabalhava ali. Depois que aquela placa já estava... Ela secava e ficava engomadinha! Aí a gente puxava a corneta. Puxar a corneta era o seguinte: fazia aqui esse meio da corneta, pegava esta parte e punha para cá, essa parte para cá, depois puxava aqui o

²⁹ Santuário de Nossa Senhora da Piedade, localizado na Serra da Piedade, um dos picos mais elevados da Cordilheira do Espinhaço, em Caeté, município de Minas Gerais. O santuário foi construído por conta de uma lenda sobre a aparição da Virgem com Jesus nos braços a uma menina muda que, a partir daí, começou a falar.

³⁰ Refere-se às religiosas da Serra da Piedade.

bico...³¹ Aqui não vai dar porque, se puxar, o papel rasga. [riso] Puxava o bico e ficava assim a corneta. Aí, assim! Aqui, para tapar, chamava-se topa: era um pedaço da corneta e esse pedaço aqui já era de outra fazenda. Era mais ou menos um pedaço de lã que tinha... Assim, oh! Esse pedaço de lã vinha compor a corneta aqui. Então, puxava a corneta e ali não podia pingar água de jeito nenhum, não é? Se pingasse água, a corneta vinha para baixo. Então, como eu estava contando, na Serra da Piedade, eu gostei muito das irmãs porque uma coisa que me atraiu muito – perguntou o que atraiu – foi as irmãs montarem a cavalo. Achei ótimo! Falei: “Isso aqui dá para mim, porque essas irmãs são alegres! Elas montam a cavalo. Vão para ali, vão para cá”. Então eu gostei muito. Conheci lá uma irmã chamada Lemeront³².

Keka Simões – Lemeront?

Irmã Ruth – Lemeront. Essa irmã trabalhava em um hospital de Belo Horizonte. Então, eu ia sempre ao hospital, porque tinha uma irmã casada que morava ali perto, na Praça Hugo Werneck³³. Eu falava assim: “Mamãe, eu vou ver Elza”³⁴ – Elza era essa minha irmã. Mas eu não ia ver Elza, eu ia ao hospital. Via um pouquinho, fazia uma visitinha a Elza, depois ia ao hospital conversar com essa irmã Lemeront. Eu fiquei gostando muito delas! Achei-as muito ativas, muito alegres. Isso me impressionou muito! Eu tinha um sacerdote, também já faleceu, que era o Padre Genesco Rabelo. Ele também trabalhou aqui, era lazarista³⁵. Eu conversava muito com ele e falei com ele que eu queria ser... Primeiro, que eu queria ser uma irmã no Sagrado Coração de Jesus, onde estudei. Ele falou assim: “Ah, boba! Ir para o Sagrado Coração de Jesus? Isso aí é gente toda, gente... Essas pessoas são alemãs e a comida delas é toda com açúcar e a senhora não vai agüentar isso! E depois, é uma vida muito dura. A senhora não agüenta isso!” Ele tinha um pouco de razão porque, na verdade, era uma vida dura. Mas ele estava puxando, como a gente fala, farinha para o saco dele. Ele era lazarista, da mesma comunidade dessas

³¹ Demonstra todo o processo em um papel.

³² Nome sujeito à confirmação.

³³ Localizada no São Lucas, bairro de Belo Horizonte.

³⁴ A entrevistada não mencionou o nome completo.

³⁵ Nome dado aos padres da Congregação dos Padres da Missão, pelo fato de terem se estabelecido no priorado de Saint-Lazare. Pertencentes à Congregação Vicentina.

irmãs, das Irmãs Vicentinas³⁶. Falou assim: “Vai para as vicentinas, umas irmãs alegres, umas irmãs ali” e tal. Eu falei assim: “Não, não vou. E faz...” “Bom. Então a senhora vai visitar a sua prima”. Eu tinha uma prima que trabalhava no Colégio Santa Maria³⁷ e era dominicana³⁸. Não gostei também das dominicanas. Então, eu me apeguei mais às vicentinas, gostei das vicentinas, porque o que me atraiu foi justamente essa alegria e esse montar a cavalo, não é?

Keka Simões – Quando foi isso, Irmã? A senhora lembra a data em que ingressou no Seminário?

Irmã Ruth – Justamente. O Seminário... Eu conto vocação no dia 31 de maio. A gente entrava na época em que contava vocação.

Keka Simões – Contar vocação?

Irmã Ruth – É, contar vocação. Quer dizer, naquele dia 31 de maio eu contei a minha vocação. Agora, todo 31 de maio, eu faço mais um ano de vocação religiosa. E a senhora disse o seguinte...

Keka Simões – O que é esse “contar vocação”? É uma cerimônia?

Irmã Ruth – Não. É isso mesmo, a gente mesma é que conta. Agora, no dia... Por exemplo, a irmã coloca no quadro de aviso: “Hoje, a Irmã Ruth está contando sua vocação”. Então faz um bolo para a gente, canta alguma coisa, a gente participa e tudo mais. Eu contei a minha vocação em 31 de maio. Agora, entrei para a Comunidade, parece, em 1949. Foi. A gente ficava no Seminário – o Postulado, não é? – tanto quanto precisasse. Mas com aquelas irmãs... Chamavam Irmãs do Ofício. Cada ofício...

Keka Simões – Ah, de Ofício?

Irmã Ruth – É. Por exemplo, nós éramos 130, 135, sei lá! Cento e trinta. Cada grupo de irmãs ficava com uma Irmã de Ofício – chamava-se [*officielle*]³⁹. Aquela irmã cuidava da gente, da saúde, cuidava de tudo. Se precisasse de hospital, ela levava a gente ao hospital e tudo mais. Essas irmãs é que...

³⁶ Irmãs de caridade pertencentes à Família Vicentina, conjunto de congregações, grupos e associações, religiosas ou laicas, para serviços aos pobres.

³⁷ Localizado na Floresta, bairro de Belo Horizonte.

³⁸ Congregação Dominicana de religiosos, cuja motivação principal é a educação de crianças e jovens.

³⁹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Keka Simões – Eram elas que decidiam? A senhora falou que o período do Postulado era quanto se precisasse. Como ficava sabendo que já estava pronta?

Irmã Ruth – Elas viam, por exemplo, o quanto a irmã já havia praticado de virtude. É diferente da pessoa que vai se casar. O quanto ela praticou de virtude, se ela era generosa, se ela já dava conta... Tinha muito serviço! Nossa Senhora! Era serviço demais, meu Deus do céu! Lavar aqueles dormitórios com pita e uma porção de coisas. Então via. Aquela pessoa dava tudo para ela fazer aquela limpeza, aquela coisa toda. É muita generosidade, não é? E ali tinha muita gente santa, viu?

Keka Simões – A senhora está falando que no período do Postulado tinha muita atividade.

Irmã Ruth – Era muita. Antes do Seminário era Postulado. O Postulado era feito na casa de uma... Em uma escola, por exemplo. Eu fiz meu Seminário no Colégio de Laranjeiras⁴⁰.

Keka Simões – No Rio de Janeiro?

Irmã Ruth – Lá no Rio. Então eu fiquei lá... O Postulado era um vestido preto de manga comprida, meia preta, sapato preto, aquele negócio todo. A gente ficava no Postulado fazendo os trabalhos, estudando Francês... Francês era... A gente tinha que conversar... Não podia conversar em outra língua: só em francês. A gente tinha que aprender de qualquer jeito o Francês. No Postulado, a gente tinha aula de Francês, tinha aula de Português, tinha aula de trabalhos... A gente costurava um pouquinho. O recreio não era recreio em que a gente brincava, pulava. Às vezes, a gente tinha necessidade disso porque a gente era jovem. Mas não era assim, não. No Postulado, de vez em quando a irmã... Eram umas seis ou três que faziam o Postulado. Então, elas saíam com a gente ou davam uma brincadeira para pular, para correr, jogar bola, essas coisas. Agora, no Seminário era diferente. No Seminário, tinha uma montanha: um lugar amplo e bonito, onde tinha uma imagem de Nossa Senhora das Graças⁴¹. No Seminário, a irmã falava assim, tudo em francês: “Vamos para a montanha”. As noviças todas corriam para a montanha! E era aquela conversa, aquela alegria!

⁴⁰ Colégio São Vicente de Paula, localizado entre Laranjeiras e Cosme Velho, bairros do Rio Janeiro.

⁴¹ No dia oito de setembro, comemora-se o dia de Nossa Senhora das Graças.

Keka Simões – No Postulado e no Seminário, tinha algum tipo de sinal, alguma forma de chamá-las para as atividades?

Irmã Ruth – O sino, não é?

Keka Simões – Ah! Era com sino?

Irmã Ruth – É. O sino andava sempre na mão da Irmã de Ofício.

Keka Simões – Aí ela batia o sino para chamar para o [inaudível]?

Irmã Ruth – É. Todo mundo chegava. Às vezes, estava muito espalhada. No Postulado, a gente tinha um hospital, no alto da montanha. Tinha muita irmã espalhada por aquele canto todo, uma casa grande, não é? Então, batia-se o sino para as atividades. E quando a gente chegava, tinha um gorro grande, de tafetá, com umas coisas assim. Chamava-se capô.

Keka Simões – Capô?

Irmã Ruth – Capô. Para ir para as atividades, como missa, rezar vésperas ou rezar a *laudes*, punha-se o capô. O capô tinha aquela tira de um lado, aquela tira do outro. [riso] A gente pegava o capô e enrolava em forma de trança: o capô partia do pescoço e ia até lá embaixo. Como a vestimenta era uma vestimenta assim de lã... Imagina: no Rio de Janeiro, aquela vestimenta de lã! Era quente demais, não é? Aquela vestimenta era uma espécie de um vestido, mas vestido inteiriço, cheio de franzidinho para cá, franzidinho para lá. Então a gente colocava esse vestido que era de manga comprida. A gente o dobrava três vezes assim⁴². E de manga larga para, justamente, fazer limpeza e tudo mais. Tinha um avental branco também. A gente fazia limpeza com aquele vestido. Como as irmãs francesas, dizem, não usam muito esse negócio de banho [riso], elas tinham umas esponjas de passar no corpo com perfume para poder... Muito interessante isso aí! No Postulado, o banho era muito engraçado! No calor, todo mundo queria um banho. Uns banhos não eram assim... Era escalada quem ia tomar... O horário. Com uma porção de gente, como é que fazia esse negócio de banho? Então, no dia de domingo era uma correria para tomar banho, porque todo mundo queria tomar banho, não é? [risos] Saía aquela porção de gente, mas era correndo mesmo, para pegar o primeiro chuveiro! E não podia demorar muito, porque já tinha outra esperando na porta porque queria tomar banho. [riso] Era muito divertido esse negócio!

⁴² Demonstra como se enrolavam as mangas ao redor dos braços.

Mas era uma vida muito assim... Não era uma vida... Era uma vida severa, não é? Depois de fazer uma limpeza grande, dava vontade de tirar essa roupa, colocar uma roupa mais fresquinha, tomar um banho. E não tinha nada disso! Era dar continuidade à vida. Mas dizem que as francesas não gostam de banho também. [risos] Muito interessante!

Keka Simões – Pois é, Irmã, aí ficava difícil! [riso] A senhora falou que contou a vocação em 1949, depois do Postulado, depois do Seminário, não é isso?

Irmã Ruth – Isso.

Keka Simões – A partir daí é que a senhora foi para aquela creche em São Paulo, que a senhora nos contou? Foi o primeiro lugar, depois?

Irmã Ruth – Foi o primeiro.

Keka Simões – Lá a senhora teve esses problemas de...

Irmã Ruth – De saúde.

Keka Simões – De saúde. Aí a senhora pediu transferência, não é isso?

Irmã Ruth – Não, eu não pedi transferência. Elas não dão transferência para quem pede. Elas têm que ver a necessidade da pessoa. Lá, eu tinha uma francesa muito assim... Ela era muito dura com a gente. Eu comecei a apanhar uma gripe forte e mexia com aquela criançada toda, mudando roupa daqueles meninos, uma coisa, outra... E eu fiquei cada vez pior lá: tanto da vista como também da gripe. Então a irmã... Nessa ocasião era Visitadora, chamava-se Blanchot, Irmã Antoinette Blanchot.

Keka Simões – Antoinette Blanchot.

Irmã Ruth – É. Ela achou melhor que eu viesse para meu clima natal. Mas meu clima natal não é Mariana, não é? Até hoje eu não saí daqui ainda [riso], porque acho que eu me adaptei ao clima. Está na hora até de sair mesmo, mas eu não sei por que não saí ainda, acho... Eu também não peço, porque São Vicente⁴³ falou com a gente assim: “*Ne rien demander, ne rien refuser*”. Então: “Nada pedir e nada recusar”. Então, eu não peço. Como a senhora [estava]⁴⁴ que eu pedi mudança. Não. A gente não pede, a gente aceita. Agora, a gente pode falar com a Visitadora. A Visitadora é que dá a mudança. Mas a gente pode falar com a Visitadora quais são as minhas condições de não poder ir para aquele lugar ou para aquele outro, não é? A gente tem liberdade de falar e

⁴³ No dia 27 de setembro, comemora-se o dia de São Vicente de Paula.

⁴⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

ela tem liberdade... Hoje também está muito mais fácil. Antigamente não tinha tanto quanto hoje. Hoje tem muita liberdade para a gente conversar com o Visitador, para falar das situações e tudo mais. Então, eu vim para Mariana e aí fiquei até os dias de hoje.

Keka Simões – Em que ano a senhora veio para cá?

Irmã Ruth – Agora eu não me recordo.

Keka Simões – Não?

Irmã Ruth – Não, não sei.

Keka Simões – Quais funções ou cargos a senhora ocupou no Colégio Providência⁴⁵?

Irmã Ruth – Olha, quando a gente chegava à Casa, a irmã estava precisando de irmã para isso ou para aquilo e para aquilo outro, não é? Então, ela mesma escalava o que a gente ia fazer. Às vezes, a gente nem sabia, por exemplo, a matéria. Mas a irmã falou, a gente tinha de obedecer, tinha que estudar, tinha que ir estudando para ir sabendo. Como a gente ia dar aula sem estudo, sem coisa nenhuma, não é? Então, a irmã falava assim: “Olha, eu estou precisando de uma irmã para pegar o curso Primário”. Agora: “Preciso de irmã para pegar o curso Primário e tem também umas outras aulas do Curso Normal. Então a senhora vai dar essas aulas, tanto do Curso Normal como também do Primário. Eu quero aulas no Primário”. Então eu comecei a estudar muito, não é? Mas eu não podia estudar muito: uma ocasião minha vista não estava boa, aqui mesmo em Mariana. Eu falei com a irmã: “Eu não agüento. Não agüento isso”. Como é Deus que manda, a gente vai pegando. Ela falou assim: “É, esse negócio da sua vista... Sabe o que é isso? São seus dentes. Os seus dentes não estão bons”. Eu falei assim: “O que é isso, Irmã? Os meus dentes são ótimos! São bons”. Eu já tinha olhado no dentista, quando eu estava em Belo Horizonte. “Não! Não, não!” Não sei se a senhora conheceu o Senhor Roque⁴⁶ [riso], que morava mesmo ali na nossa rua⁴⁷. Ele era um dentista mais de araque, não é? Lá no Colégio, a gente tinha uma cadeira de dentista – não sei o que elas queriam fazer com aquela cadeira, sei lá o que era. Aí ela falou assim: “Não. Eu vou pedir o Senhor Roque para olhar esses dentes”. Aí chamou o Senhor

⁴⁵ Mantido pela ordem religiosa Companhia das Filhas da Caridade, em Mariana.

⁴⁶ A entrevistada não mencionou o nome completo.

⁴⁷ Rua Dom Silvério, onde se localizam o Colégio Providência e a residência da entrevistadora Keka Simões.

Roque que olhou os dentes e falou assim: “Uai⁴⁸! Seus dentes são ótimos, muito bons!” Mas deu na cabeça da irmã, da superiora, que eu devia arrancar os dentes. Aí eu falei assim: “Eu não vou arrancar, de jeito nenhum! Os meus dentes são bons. Dentes arrumadinhos, bonitinhos”. Então, ela falou com o Senhor Roque: “Não. O senhor vai arrancar os dentes dela”. Eu falei assim: “Mas isso não está no gibi, meu Deus do céu!” Elas pediam muito esforço da gente, viu? Era muita coisa, o negócio vinha de supetão! Agora, quem não tem vocação não fica. Não fica mesmo! A gente tinha que fazer esses esforços todos que eram pedidos! Mas eu acho que Deus dá à gente a cobertura que não teve. [risos] Então a senhora perguntou... Eu fui dar aula, não é? Graças a Deus eu fui muito bem no Primário e tudo mais! E depois meu pai tinha falado: “Oh, minha filha...” Eu estava até contando para o rapaz ali⁴⁹. Meu pai era muito previdente, falava assim: “Eu não quero que você deixe o seu cargo de professora. Não quero, porque eu não sei o que vai ser da sua vida. Às vezes, você pode precisar desse emprego para viver. Então, eu não vou querer que você deixe esse cargo. Você pode ir, eu faço muito gosto que você vá para a Comunidade e tal. Eu arranjo tudo para você e tudo mais. Mas perder o seu emprego você não vai perder!” Eu fiquei com aquela coisa na cabeça, de não perder meu emprego. Mas como eu ia perder o meu emprego se... Por exemplo, lá na escola eu não tinha... Tinha só a Escola Primária, mas Escola Primária que não era escola do governo, não é? Porque eu só podia ganhar o salário do governo. Então eu falei assim: “Ah! Eu vou saber o que vou fazer”. O meu pai era muito político, então eu consegui fundar a escola dentro do Colégio. [riso] Nesse tempo, a irmã falou comigo assim: “Não, a senhora não pode fazer isto! Não pode!” Mas eu era muito atirada; toda vida eu fui. Consegui fazer a minha escola e fiquei na escola. Convidei o Secretário da Educação para ir lá e ele foi. Eu falei com a superiora: “Oh! Eu vou convidar o Secretário de Educação. Se a senhora quiser convidar alguém para o magistério, porque elas vão se formar agora mesmo... A senhora pode convidá-lo”. “Eu? Eu não! O que é isso? Secretário de Educação!?” Naquele tempo, convidar um Secretário da Educação [riso]... Sair lá de Belo Horizonte e vir para cá era uma coisa muito séria! E eu falei assim: “Pois eu vou fazer. Eu vou

⁴⁸ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

⁴⁹ Refere-se ao monitor Eder Donizete de Melo.

chamar o Secretário de Educação porque ele tem de aprovar minha escola”. [riso] E eu chamei o Secretário de Educação. Ele veio, aprovou a escola e eu comecei na escola, com cargo do Estado.

Keka Simões – Nós vamos dar uma paradinha, Irmã, para poder trocar a fita. Eu quero voltar a essa escola do Estado, ali ao lado do Providência, não é isso?

Irmã Ruth – É. Foi dentro do Providência.

[DVD B]

Keka Simões – Irmã, antes de entrar na questão da escola que a senhora fundou dentro do Colégio Providência... Uma escola estadual, não é isso?

Irmã Ruth – É.

Keka Simões – Antes de entrar, especificamente, na questão dessa escola, eu queria fazer algumas perguntas sobre o funcionamento do próprio Colégio Providência. Quando a senhora veio para cá, ainda existia o internato no Colégio?

Irmã Ruth – Existia.

Keka Simões – A senhora tem noção de qual era a proveniência do público desse internato, de onde vinham essas alunas? Porque era um colégio feminino...

Irmã Ruth – Elas vinham das fazendas, porque antigamente não havia escolas nesses lugares. E os pais queriam que elas estudassem de qualquer jeito. Então traziam para o internato. Nós tivemos um internato de duzentas e tantas meninas! Não sei o tanto. De duzentas e esse pouquinho. Mas era muita gente!

Keka Simões – Geralmente de fazendas desta região aqui ou vinham pessoas de outros...

Irmã Ruth – Não. Vinham mais de fora.

Keka Simões – De fora.

Irmã Ruth – Não tanto quanto da região aqui. Mais longe. E o povo vinha a cavalo, porque não tinha veículo suficiente para vir, não é?

Keka Simões – Certo. Tinha algum requisito para ser admitida como aluna do Colégio?

Irmã Ruth – Tinha. Primeiro, os papéis. Depois, também [inaudível], não sei. Mas me contaram que era muito rígido o Colégio, não é? Por exemplo, o pai vinha trazer e, às vezes, essas meninas... Eram coisas assim muito diferentes.

Por exemplo, menina que o pai não queria que namorasse, não é? O pai vinha, pedia que a menina não ficasse namorando ou fizesse alguma coisa assim de que ele não gostava. Também meninas que, às vezes, eram com madrasta e o pai queria que ficasse. Tinha uma menina aqui que, até hoje, gosta muito do Colégio, vem aí. Ela dançava muito bem o balé. A mãe tinha morrido e pai estava sozinho em casa, com essas duas meninas. Elas vieram, estudaram aqui, ficaram o tempo todo do internato, no Colégio. Eram coisas assim.

Keka Simões – O Colégio era pago, não é isso?

Irmã Ruth – Era um Colégio pago, totalmente pago. Agora tinha também isso: às vezes, o pai trazia um saco de arroz. Eram todos assim, fazendeiros e tudo mais. Traziam uma coisa assim para fazer uma troca, parceria. Traziam o arroz para a menina ficar tanto tempo no Colégio, ou quantos sacos de arroz, eu não sei como era. E tinha aquelas contas. Quando a gente chega ao Colégio, tem o museu⁵⁰, que já está aberto até às pessoas de fora. Nesse museu, tem um caderno com todas as contas da Casa, aquela coisa toda.

Keka Simões – Existia a possibilidade de alguma aluna, não podendo pagar, estudar no Colégio? Algum tipo de bolsa, alguma coisa assim, Irmã?

Irmã Ruth – Não. Havia, porque a gente... Era muito segredo, não é? A superiora vinha, arrumava, dava tudo direitinho para a menina, mas não comunicava para ninguém, porque ela não queria que saíssem dali as coisas daquela menina.

Keka Simões – Certo. As alunas internas participavam das aulas junto com as alunas externas? Existia um relacionamento entre elas?

Irmã Ruth – Tinha um relacionamento. Bom, as internas eram mais unidas, não é? Porque sempre a gente tinha que tomar conta daquela meninada toda e depois chegavam os estudantes de Ouro Preto que queriam ver menina bonita [riso], queriam ficar perto da menina e conversar com a menina. A gente, às vezes, levava a menina para passear aqui no Jardim⁵¹. Saía a meninada toda! Então já sabia: domingo era dia de passeio. Elas tinham um aventalzinho xadrez, para ficar dentro de casa, e a gente falava: “Podem tirar o avental!” Elas já sabiam que iam passear. Iam duas irmãs... Mas também elas saíam em fila e a gente avisava: “Vocês podem ficar lá direitinho, correr e tudo. Mas não

⁵⁰ Museu Casa da Providência, anexo ao Colégio Providência.

⁵¹ Nome dado pelos moradores de Mariana à Praça Gomes Freire de Andrade.

abusem!” Porque a responsabilidade era grande! Esse povo de Ouro Preto [risos], que gostava de uma menina, [inaudível]. “Eu posso falar com aquela menina? Eu vou falar só três minutinhos”. E, às vezes, eram três minutões!

Keka Simões – Ah! Eles pediam para a senhora?

Irmã Ruth – Pediam. Às vezes, a gente ficava preocupada porque era muito tempo! E a gente: “Meu Deus do céu!” [risos]

Keka Simões – Além de ir para o Jardim no domingo, que era um dia que não tinha aula, qual outra atividade social, fora do Colégio, era permitida às internas?

Irmã Ruth – Quando havia férias, por exemplo, elas iam ver banda de música. Outras coisas... Acontecia também piquenique na Passagem⁵². Elas faziam um mexido para elas – do que mais gostavam era o tal desse mexido, não é? Faziam um mexido e lá ia aquele panelão de mexido, com cavalo levando aquele negócio todo! A gente ia a pé para Passagem de Mariana. Elas gostavam muito. Ali tinha um clube e elas dançavam, gostavam. Aí começava a juntar os rapazes [risos], vinham os rapazes. Depois, n’Os Inocentes, que era a nossa chácara... Agora está vendendo tudo.

Keka Simões – A chácara chamava-se Os Inocentes? Onde era?

Irmã Ruth – Não tem ali a Chácara⁵³? Que eles falam bairro da Chácara? Chamou bairro da Chácara por causa da nossa chácara. Nós tínhamos uma casa ali. Os Inocentes era mais para cima da chácara, uma casa grande que tem lá. Tem uma cachoeira bonita. Aí as meninas ficavam lá n’Os Inocentes. Quando a gente estava doente também, o médico dizia assim: “Ah! Essa irmã precisa sair desse...”, tomar mais ar, não é? Um ar mais puro e tudo mais. Então a gente ia para Os Inocentes, passava uma temporada lá.

Keka Simões – Durante a semana, Irmã, qual era a rotina dessas alunas internas? As externas iam e assistiam às aulas, não é isso?

Irmã Ruth – É.

Keka Simões – Depois iam embora. E as internas, como elas passavam o dia na escola, durante a semana?

Irmã Ruth – Ah, tinha o estudo delas, acho que duas vezes... Depois do almoço, tinha recreio para elas. A irmã que quisesse sair com a sua turma saía,

⁵² Passagem de Mariana, distrito de Mariana.

⁵³ Bairro de Mariana.

ia para um outro lugar. Ia ver, por exemplo, alguma coisa interessante, quando tinha alguma coisa interessante na cidade. A irmã falava assim: “Eu vou sair com as minhas meninas”. Saía com aquela turma. A outra falava assim: “Eu também vou sair com as minhas”. Saía para outro lugar. Mas em grupo pequeno.

Keka Simões – Certo. A senhora já falou sobre algumas coisas que não podiam ser feitas. Mas tinha um regulamento de conduta ou comportamento, vestuário das alunas? Coisas assim: pode fazer isso, não pode isso; pode usar esse tipo de roupa, esse não. Tinha alguma coisa assim?

Irmã Ruth – Não, parte de roupa... Elas não levavam roupa assim, porque levavam o enxoval do Colégio. Era aquele enxoval do Colégio. Agora, não sei se tinha roupa assim para... Não, nunca ouvi falar.

Keka Simões – Esse enxoval era uma lista... Como era esse enxoval? Era feito pelas famílias?

Irmã Ruth – É. Feito pelas famílias. Tinha tudo direitinho. E elas tinham a rouparia. Isso aí eu peguei. A rouparia era *casier*⁵⁴. *Casier* quer dizer um lugar em que elas guardavam roupa e sapato. Era um quadrado oco feito de madeira. Nesse *casier*, colocavam-se as roupinhas delas. E tinha de fazer uma listagem para ver o que elas tinham trazido, para não perder nada. Cada uma tinha o número do *casier*, porque número é mais fácil do que nome, não é? Tinha o número do *casier* e elas sabiam o seu número. A boina se colocava em um caixote à parte; véu da capela também se colocava em uma caixa à parte. Nesse *casier*, colocava-se todo o enxoval. Agora, tinha o vestido de gala, a roupa de gala, que era a [inaudível] branca – que eu lembro – que era um vestido bonito de fustão de seda. Esse vestido era guardado em um guarda-roupa próprio, também com o nome delas. Era tudo penduradinho, arrumadinho.

Keka Simões – A senhora falou do véu que ficava guardado em um armário e tal. As missas eram realizadas no Colégio?

Irmã Ruth – Eram.

Keka Simões – No domingo, por exemplo, eram no Colégio?

⁵⁴ Palavra francesa que significa armário.

Irmã Ruth – Todas as missas eram no Colégio. Até no dia de semana, eram no Colégio. A coisa pior do mundo era a gente acordar as meninas para a missa! [riso] Tinha sempre uma irmã para acordar e tinha uma que ficava no dormitório, em um quarto à parte. Ela dormia ali para olhar a disciplina das meninas, olhar tudo direitinho. Porque elas... [risos] Tinha uma turma muito interessante! Isso aí eu peguei. Os rapazes gostavam muito de fazer serenata para elas. Era muito engraçado porque elas, não sei... Ficava escutando como era esse negócio da serenata. Uma vez, eu falei com eles assim: “Oh, eu preciso dormir. Eu vou trabalhar amanhã. Se vierem com essa serenata aqui, vou jogar balde de água em vocês, para vocês não virem mais aqui”. Eles falaram: “Deixa a gente fazer, Irmã, pelo amor de Deus! Nós não vamos ficar a noite inteira, nós vamos ficar só um pouquinho”. [risos] Então, a gente deixava fazer serenata. Deixava. Mas não era... Senão eles abusavam da gente! Os rapazes, estudantes de Ouro Preto, que estavam se formando e gostavam dessas coisas... Então tinha serenata.

Keka Simões – A que horas se chamavam as alunas para a missa, Irmã?

Irmã Ruth – Todo dia tinha missa. Chamava essas meninas dependendo da hora da missa. Porque tinha a missa, depois da missa tinha o café e depois do café tinha de ir para a aula. Então, a missa tinha que ser mais cedo. Às seis horas, mais ou menos, a gente chamava. Agora, quando o tempo estava escuro, é que era ruim! Coitadas!

Keka Simões – Era difícil elas levantarem?

Irmã Ruth – Era, mas todo mundo levantava. A gente acostuma o corpo, vai acostumando.

Keka Simões – As alunas externas também participavam dessa missa diária?

Irmã Ruth – Não. Elas só participavam nas festas. Em outro dia não, porque era meio corrido, não é? Era uma coisa, outra coisa...

Keka Simões – A senhora falou que, depois do café, elas iam para as aulas. Como eram essas aulas? Como eram feitas as avaliações? A forma de avaliar era diferente de hoje? O tipo de matéria... A senhora já contou da sua época de escola, quando tinha artes manuais e tal. No Colégio, essa formação feminina incluía o quê? Tinha alguma coisa específica para essa formação?

Irmã Ruth – Tinha aula assim de... Como é? Tinha clube de literatura. Quando eu cheguei, tinha o **Pequeno Príncipe**⁵⁵. Até essa Maria Luiza⁵⁶, do Senhor Gegê⁵⁷, era muito engraçadinha: ela era o Pequeno Príncipe, porque vestia as roupas, direitinho. Esses clubes de literatura eram feitos pelas próprias meninas, para saber se elas iam ter desembaraço, para poderem fazer uma redação, um discurso, uma tese qualquer, não é? Era mais distração para elas. E todo mundo queria entrar nesses clubes, porque eram elas que dirigiam, que viam as coisas. Dava-se a liderança para elas.

Keka Simões – Depois esses clubes de literatura apresentavam, por exemplo, uma peça de teatro?

Irmã Ruth – Apresentavam peça de teatro, apresentavam danças no Carnaval. Nesse Carnaval, menina que não saía... Às vezes, a menina saía no Carnaval. Para quem não saía, tinha Carnaval dentro da escola.

Keka Simões – Ah, é?

Irmã Ruth – É. Tinha muita coisa dentro da escola!

Keka Simões – Entrando nessa questão das atividades culturais e sociais que o Colégio oferecia... A senhora já falou do teatro...

Irmã Ruth – É.

Keka Simões – ... do Carnaval, que eu não sabia, feito para as alunas que não podiam participar do outro...

Irmã Ruth – Tinha fogueira de São João⁵⁸. Elas gostavam muito da fogueira! Eu lembro uma vez que choveu muito e as meninas: “Ah, nós não podemos ficar sem essa fogueira, não podemos ficar sem isso aí!” Então, elas mesmas pegavam rodo, pegavam pano e faziam o trabalho de enxugar tudo isso aí, para ter a fogueira de São João. Elas gostavam demais da fogueira de São João!

Keka Simões – E hoje, Irmã, o Colégio comemora alguma outra festa desse tipo, que antigamente não tinha?

Irmã Ruth – Bom, hoje nós temos... Fogueira de São João tem. Tem, às vezes... Por exemplo, essas visitas sociais, que a senhora está falando. Essas

⁵⁵ **O Pequeno Príncipe**, livro escrito por Antoine de Saint-Exupéry, em 1943.

⁵⁶ Maria Luiza Magalhães Elias.

⁵⁷ Geraldo Elias Martins.

⁵⁸ Na noite de 23 para 24 de junho, comemora-se o dia de São João Batista, uma das mais famosas festas juninas do Brasil.

visitas... Tinha a Associação das Luizas de Marillac⁵⁹: se a menina quisesse pegar, por exemplo, uma velhinha para tomar conta, ela tomava conta daquela velhinha. Foi uma coisa muito interessante! Elas tinham tanta garra para tomar conta da velhinha, que uma vez a velhinha falou assim: “Não! Eu vou à formatura da minha Luizinha”. E arranhou vestido novo para ir à formatura da menina. Foi e ainda levou presente para a menina, na formatura.

Keka Simões – Olha só!

Irmã Ruth – Muito engraçadinha!

Keka Simões – No caso de tomar conta de um idoso, de conversar... Elas faziam esse trabalho com idosos de fora da Comunidade? Da cidade?

Irmã Ruth – É, faziam esse trabalho. Agora, também visitavam... Por exemplo, na Chácara – vocês falam Chácara – tinha muito pobre. Elas iam lá. Cada uma ia visitar a sua pobre. Às vezes, levava mantimento para a pobre ou alguma coisa que a pobre queria ou desejava. E ela também recebia presente da pobre que era o que a pobre podia dar, não é? Às vezes, era uma penca de banana, era uma coisa assim, que ela tivesse de mais útil.

Keka Simões – Quais datas cívicas e religiosas eram comemoradas no Colégio?

Irmã Ruth – Uai! Tinha a Parada, não é? A Parada era muito bonita! As meninas saíam... Agora também não existe mais porque cancelaram isso. A Parada era muito bonita! Tinha menina que se vestia de porta-bandeira, não sei mais o quê. Tinha de ir a Belo Horizonte! Elas iam a Belo Horizonte, de ônibus. Antigamente, também elas visitavam muito essas minas, onde poderiam ver alguma coisa... Por exemplo, rebentar pedra com... Como é? Com esses tiros que rebentam pedra. Elas apreciando lá... A Vale⁶⁰ mandava buscar. A Vale é coisa muito antiga, é antiga aí. A Vale mandava buscar essas meninas de ônibus, e voltava com elas.

Keka Simões – Essa Parada, que a senhora falou, é Parada de Sete de Setembro? Era muito bonita?

Irmã Ruth – Era Parada de Sete de Setembro. Tinha...

⁵⁹ Fundadora da Ordem das Irmãs da Caridade junto com São Vicente de Paula. Seu dia pode ser comemorado em 15 de março ou 18 de setembro.

⁶⁰ Companhia Vale do Rio Doce.

Keka Simões – Me falaram também que, na Semana Santa, o Colégio saía na procissão...

Irmã Ruth – Saía na procissão. Fazia parte também de... Vestia uma de Nossa Senhora; outras, de três Marias, não é? Mas Verônica⁶¹ eu nunca vi, porque Verônica tem que ter voz bonita, não é? Mas elas eram sempre convidadas para isso. Uma irmã, Irmã Margarida Maria, gostava muito dessas festas e ela mesma olhava as figuras que iam para a procissão, via as vestimentas e tudo mais. Essa irmã ainda fazia muito teatro para as meninas, convidava para fazer teatro. Uma vez, ela fez o **Vesúvio**⁶². Ela gostava muito de festa. Fez o **Vesúvio** para a Irmã Di Biase⁶³. A senhora não a conheceu, não é?⁶⁴ Ela era de família... Portuguesa, não. Alemã? [Pausa] Ah, dessa família aí que gosta muito de macarrão! Como chama isso?

Keka Simões – Italiana.

Irmã Ruth – Italiana, isso. Não veio o nome agora. Ela era de família italiana. Então, a irmã fez uma festa para ela, fez o **Vesúvio**. E muito bonito! E outra coisa de que elas gostavam era... As meninas tinham balé, que hoje não tem mais também.

Keka Simões – Tinha professora lá no Colégio?

Irmã Ruth – Professora vinha de Belo Horizonte para ensinar o balé. Essas duas meninas, sobre as quais eu conversei com a senhora no princípio, chamavam-se Vanina e Ângela⁶⁵. Elas dançavam balé muito bem! Elas ficaram no Colégio o tempo todinho de escolaridade, porque só tinham pai, a mãe tinha falecido. Hoje elas gostam do Colégio, vêm visitar e estão muito bem. Outra festividade a que elas iam depois da Semana Santa era também... A gente vai recordando, mas não sabe... [Pausa]

Keka Simões – Na hora em que a senhora lembrar, a senhora me fala, está bom? E a escola estadual que foi fundada pela senhora dentro da estrutura do próprio Colégio Providência, qual era seu nome?

⁶¹ Na Procissão do Encontro, celebrada durante a Semana Santa, a dor de Cristo é anunciada com o canto de Verônica, uma alusão à figura feminina que teria limpado o sangue de seu rosto com um manto, durante sua Paixão.

⁶² Cenografia para peça de teatro feita sobre o vulcão Vesúvio, que destruiu a cidade italiana de Pompéia em 79 a.C.

⁶³ Nome sujeito à confirmação.

⁶⁴ A entrevistadora faz um gesto negativo.

⁶⁵ A entrevistada não mencionou os nomes completos.

Irmã Ruth – Nós tínhamos um orfanato, com mais ou menos umas quarenta e tantas meninas. Essas meninas tinham de ir lá para a outra escola, porque não tinha Escola Primária lá dentro. Bom, eu estou mentindo. Tinha uma sala de Primário assim: primeira série com segunda série; terceira série com quarta série. Porque só algumas meninas eram internas e precisavam de escola. Essas meninas internas não saíam para a escola lá fora. Então eu falei assim: “Bom, a gente tem 40 meninas aí do orfanato”. Resolvi então... Falei assim: “Vou fazer uma escola aqui”. Mas foi muito difícil porque a irmã falou: “Não, a senhora não pode fazer uma coisa desta! Como é que é que vai fazer isso? E tem de ter... O governo tem de estar em cima e não sei mais o quê...” Eu falei assim: “Não, eu vou fazer esta escola, vou ver se esta escola pode ficar aqui”. Então, eu comecei a ser professora de uma escola do Grupo, o Benevides⁶⁶. Eu me matriculei na Escola Dom Benevides como professora, mas eu não ia ao Grupo, não. A minha escola era lá no Colégio mesmo. Então, eu fundei uma classe só para mim. [riso]

Keka Simões – Ah, entendi! Fazia parte do Dom Benevides, mas essa classe funcionava no Colégio?

Irmã Ruth – É. Depois, quando teve... Depois eu arranjei outra professora que era também do Benevides. Eu vi com Dona Abigail⁶⁷, que era diretora de lá, para me dar essa professora para trabalhar junto comigo. Aí ela veio. E assim foi fazendo. Quando tinha quatro salas de aula, eu falei: “Agora...” Já teve aquela escola que era a escola... A gente fazia com quatro aulas. A gente chamava escola... Podia ser uma escola. Eu sei que eram quatro anos. Era... Saiu o nome da escola. Como era escola, era escola... Não me lembro mais como era a escola. Quando tinha essas quatro professoras... Eu já comecei com quatro. Depois eu chamei o Secretário de Educação, para me dar o nome de uma escola, para fazer mais uma sala de aula. E para separar a minha escola do Benevides. [riso] Então separou a escola do Benevides e eu fiquei com a minha.

Keka Simões – Ah! E quando separou, qual era o nome da escola da senhora?

⁶⁶ Escola Estadual Dom Benevides; até a década de 1970, Colégio Estadual Dom Benevides.

⁶⁷ Abigail Dias.

Irmã Ruth – Escola Estadual Junto ao Educandário Dom Helvécio. Porque o orfanato chamava-se Dom Helvécio.

Keka Simões – Aí esse nome pegou, então.

Irmã Ruth – É. Chamava Dom Helvécio.

Keka Simões – A senhora lembra a data em que isso aconteceu?

Irmã Ruth – Ah! Eu tenho todos os documentos, mas assim... Como estou falando: eu sou ruim de número.

Keka Simões – [riso] Não gosta da Matemática mesmo, não é, Irmã? [riso] Depois o Eder passa lá para pegar com a senhora. Vamos passar para a cidade, falar um pouco de Mariana. Quando a senhora veio para cá, quais atividades econômicas existiam na cidade?

Irmã Ruth – Uai! Tinha a Caixa Econômica Estadual que hoje não tem mais. Bradesco não tinha. Tinha o banco... Eram dois bancos aqui. O Banco do Brasil não. Esse banco, como chama? O banco...

Keka Simões – Caixa Econômica Federal, BEMGE⁶⁸...

Irmã Ruth – Tinha o BEMGE e a Caixa Econômica Federal, só. E a Caixa Econômica Estadual. Depois foram criando os outros bancos.

Keka Simões – E comércio, indústria, o que tinha aqui?

Irmã Ruth – Tinha a fábrica de fazenda, a Fábrica de Tecidos, que era ali no São José: Fábrica São José. O comércio era muito fraco: tudo que a gente precisava tinha de ir a Belo Horizonte. Tanto é que para o internato, nós tínhamos uma Kombi azul e branca. Rural, não é? Ia sempre a Belo Horizonte fazer compras para o internato, comprar as coisas de refeição para o internato. E... Era muito fraquinho o comércio. Agora tem tudo, não é? Até médicos! Atende-se mais. Por exemplo, hoje a gente vê o quanto essa Previne⁶⁹ é útil para o pessoal daqui, que recebe os remédios. Eu acho que o prefeito está fazendo uma coisa muito boa para a saúde. Toda vez que eu levo uma velhinha lá para consultar, ela é bem atendida, ela recebe os remédios. Então, eu acho que Mariana melhorou demais, demais mesmo! Está igual a uma cidade grande. A senhora vê: carro. Tinha só o carro do Doutor Elias Mansur, que era médico daqui, e do Doutor José Dias. Eram dois carros. Ah, e tinha o carro do Walter! Walter... O sobrenome dele eu não sei. Mora lá na nossa rua.

⁶⁸ Banco do Estado de Minas Gerais.

⁶⁹ Clínica municipal de atendimento médico.

Morava, não é? O Walter... O pai daquela menina... Três carros havia na cidade. Hoje nós contamos aí quantos carros, não é?

Keka Simões – Como se fazia para viajar naquela época, Irmã?

Irmã Ruth – Era de trem. A gente ia daqui para o Rio de Janeiro, porque a gente tinha de fazer retiro todo ano! Nós fizemos retiro todo ano. A gente marcava o retiro todo ano: oito dias de retiro. Então a gente ia de trem. Chegava lá... Ah! Fazia excursão também. Irmã Margarida Maria – que era muito animada – levava as meninas também ao Rio para... Nós temos uma casa em Botafogo⁷⁰, que é das irmãs. Essas meninas ficavam em Botafogo, iam à praia e tudo mais. Essa irmã era muito animada! Também dependia muito da irmã e da superiora deixar ou não deixar. Dependia muito.

Keka Simões – Essas excursões também eram de trem, não é, Irmã?

Irmã Ruth – A excursão também era de trem, toda de trem.

Keka Simões – A senhora falou que a cidade melhorou muito e deu sua opinião sobre o prefeito. Antigamente, Irmã, quais eram as forças políticas locais? A senhora lembra como era essa questão da política, na cidade?

Irmã Ruth – Sempre a política foi muito aferrada aqui, não é? Muito! Por exemplo, o João Ramos⁷¹ mandava em tudo! O que ele mandava, estava mandado. Agora, depois melhorou muito.

Keka Simões – A senhora acha que essas forças de antigamente, esses grupos políticos, de alguma forma, ainda sobreviveram?

Irmã Ruth – Atualmente, não. Atualmente, a gente não tem mais ninguém [inaudível] não. Até acontecia muita coisa esquisita, não é? Muita gente era assassinada. Assassínavam. Às vezes, era tudo muito escondido. Depois é que a gente sabia, mas não podia nem dizer nada. Eu acho que agora melhorou muito. Pelo menos essa política está mais limpa. Mas... [riso] Sei lá!

Keka Simões – A senhora lembra como eram as campanhas eleitorais?

Irmã Ruth – Tinha umas coisas assim esquisitas. Mas eu não sei. [risos]

Keka Simões – A senhora falou onde os jovens freqüentavam, que as alunas iam ao Jardim...

Irmã Ruth – Retreta⁷²...

⁷⁰ Colégio Imaculada Conceição, localizado em Botafogo, bairro do Rio de Janeiro.

⁷¹ João Ramos Filho, ex-prefeito de Mariana.

⁷² Concerto popular de uma banda em praça pública.

Keka Simões – A retreta tinha...

Irmã Ruth – É. Esses passeiozinhos na Chácara.

Keka Simões – É isso que a juventude... Eram os locais e as atividades dessa juventude?

Irmã Ruth – É.

Keka Simões – Agora, era proibido ou não era recomendável freqüentar algum local?

Irmã Ruth – Não lembro, não. Agora é que estão essas coisas todas: maconha...Que a gente vê. Piorou muito, não é?

Keka Simões – Nós já falamos de algumas celebrações religiosas, novenas, que aconteciam na cidade. Hoje isso é feito da mesma forma? São as mesmas ou [inaudível].

Irmã Ruth – Não, eu acho que melhorou muito! Melhorou. Porque eu acho que o Padre Paulinho⁷³ é pessoa jovem ainda, gosta de entusiasmo e o povo em geral gosta muito dele. Parece, porque a gente não vê, assim, não é? E ele é muito caridoso. Eu sei porque várias vezes, quando procurei Padre Paulinho... Às vezes, ele estava conversando com um casal que estava afastado há muito tempo e conseguiu melhorar a situação daquele casal. Ele é muito entusiasmado com esse movimento de igreja, ele tem muito entusiasmo! E também Dom Luciano⁷⁴ era uma pessoa muito boa, muito caridosa.

Keka Simões – Dentre essas celebrações, novenas, festas, a senhora gosta mais de alguma? Tem mais ligação com alguma? Uma devoção maior?

Irmã Ruth – Eu gosto é da Eucaristia, porque é um mistério de fé que a gente deve sempre estar pronta para estar ali, em uma adoração. Agora, as outras eu acho que... Essas celebrações em todo canto existem e a gente... Por exemplo, quando é um aniversário do pároco, ou quando era aniversário de Dom Luciano, por uma questão religiosa a gente deve comparecer. A gente, às vezes, comparece não porque gosta, mas por ser uma religiosa que deve estar ali presente para dar um bom exemplo. Eu penso assim, não sei. Eu não sou obrigada a ir a tudo quanto é coisa religiosa que existe.

⁷³ Padre Paulo Barbosa, vigário da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana.

⁷⁴ Dom Luciano Mendes de Almeida, Arcebispo da Arquidiocese de Mariana de 1988 a 2006, ano de sua morte. Presidiu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de 1987 a 1994.

Keka Simões – Certo. Irmã, além do período em que a senhora deu aula, criou a escola, quais outras atividades... Fora atividade educacional, assistencial, a senhora tem alguma atividade no momento atual...

Irmã Ruth – Tenho. Cônego Vicente⁷⁵ me chamou e falou assim: “Eu queria que a senhora fizesse a fineza de colaborar na Casa da Sopa Tia Lica⁷⁶. A senhora pode?” Eu falei assim: “O senhor vai lá e pede à superiora se eu posso. Poder, eu posso. Agora, depende também da licença dela”. Como eu falei com o rapaz⁷⁷: nós somos uma Comunidade assim muito rígida. Tudo que a gente tem de fazer a gente tem de falar. É lógico, porque a superiora tem de saber por onde a gente anda. Por exemplo, para eu vir aqui, eu avisei a superiora, mas há mais tempo. Agora quando saí, eu falei com ela também. [Pausa] Me esqueci...

Keka Simões – A senhora estava falando da Casa da Tia Lica.

Irmã Ruth – Tia Lica. Então...

Keka Simões – O que faz a Casa da Tia Lica?

Irmã Ruth – Então, eu falei com ele: “Posso”. Na casa da Tia Lica eles davam uma sopa – até ficou com o nome de Sopa da Tia Lica. Quando cheguei lá, eu falei assim: “Ah, eu não quero sopa, não! Isso não sustenta ninguém! Eu quero um almoço!” Agora a gente dá o almoço, de segunda a sábado. Dom Luciano queria que desse no sábado e no domingo. Eu falei assim: “Dom Luciano, sábado e domingo eu não posso”. Porque eu também tenho de ter um dia para me cuidar, não é? Senão como vou fazer para cuidar de mim? Tem de ter um dia para me cuidar! Mas também eu experimentei, por obediência a ele. Não apareceram. Quem mais vai a essa Casa Tia Lica são essas pessoas que vêm de fora, aí dos lugarejos, e vêm consultar aqui, em Mariana. Essas pessoas almoçam lá. Uns também são cachaceiros, são drogados e não sei mais o quê, moram na rua, não têm aonde ir. Então a gente fica... Agora quando... Quer dizer, eu fico sem proteção nenhuma porque... Outro dia, lá em casa, as irmãs falaram assim: “A senhora pede uma polícia para chegar lá, porque pode acontecer alguma coisa”. Eu falei: “Não, eu acho que não vai acontecer nada. Deus é grande, uai!” E também tenho coragem para isso, também sou pessoa

⁷⁵ Cônego Vicente Dislácio.

⁷⁶ Casa de assistência anexa à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, no centro de Mariana.

⁷⁷ Refere-se ao monitor Eder Melo.

de pulso mais forte. Isso não é convencimento da minha parte, porque eu sou muito rígida. E tem uma coisa que eu faço... Elas ficaram impressionadas, porque teve uma irmã nossa, que tinha um senhor... Ela cuidava de um asilo e tinha um senhor que se apaixonou por ela e esse senhor matou essa irmã! Ela estava de costas, ele veio e meteu uma facada nela e não sei mais o quê. Eu falei assim: “Oh, quanto a esse negócio de porta... Eu não fico perto de porta, eu fico bem na parede!” [risos] Para não me acontecer nada disso! E também eu peço ao meu anjo da guarda para não me acontecer nada. Quando o negócio está preto, então eu chamo a polícia. Chamo e falo com eles: “Agora eu vou chamar a polícia!” Telefono para a polícia também. Fico falando assim com eles, aí o povo se aquieta. Então, isso é bom para mim porque me distrai e é uma obra de caridade que a gente está fazendo, não é? Agora essa Casa Tia Lica era muito... Muitos alimentos eram fornecidos por Dom Luciano, que, às vezes, perguntava: “A senhora não tem nada na Casa Tia Lica? Eu vou mandar para a senhora”. Uma vez também... Quando esse povo queria dinheiro, eles iam atrás de Dom Luciano. As pessoas falavam: “Ih! A casa de Dom Luciano está cheia de gente pedindo dinheiro!” Mas Dom Luciano me telefonava, dizendo assim: “Uai, Irmã! O que está acontecendo aí na Casa Tia Lica? Roubaram todas as panelas? Um rapaz chegou aqui falando que roubaram todas as panelas”. Ele queria o dinheiro de Dom Luciano. Quando ele chegou lá, com certeza o horário já tinha acabado. Porque eu pus horário lá! Falei assim: “Eu não vou fazer esse negócio de ficar aqui até que horas, não! Porque eu também tenho horário”. Então eu fico lá até a hora possível que é ao meio-dia. A moça que trabalha lá tem meio horário porque ela trabalha. Ela não trabalha o horário todo; ela só ganha também por meio horário porque ela trabalha. E eu falei assim: “Não! Nós vamos ajeitar este negócio aqui. Vocês cheguem à hora certa e saiam à hora certa, porque não podem ficar depois, não”. Até Dom Luciano não ficou muito contente e falou: “Mas, Irmã, tem que atender a esse povo” e não sei mais o quê. Quanto mais a gente alarga a coisa lá, mais eles exploram a gente! “Não vai ser assim. Nós vamos colocar o horário”. Agora a hora está certinha. Alimentos também. A Cúria⁷⁸ manda os alimentos que precisam. A gente tem um fornecedor, a gente pede ao

⁷⁸ Cúria de Mariana, localizada no centro da cidade.

fornecedor e ele leva os alimentos necessários. Agora eles estão muito bem. E agora nós estamos dando marmitex. Alguns estavam reclamando: “Ah, a senhora tem que repetir! Esse marmitex é muito pequeno”, não sei mais o quê. Eu perguntei ao secretário: “Oh, tem de aumentar o tamanho do marmitex porque eles estão querendo mais”. Ele falou assim: “Não, Irmã. Nós não vamos aumentar porque este marmitex é o que se dá em todos os hotéis. Todos os lugares que dão marmitex usam este mesmo. É o normal para uma pessoa que está com fome”. Então eu fui obrigada a dizer para eles: “Não vou repetir”. Agora, isso aqui é uma obra de caridade, não é para encher barriga! É uma obra para satisfazer um pouquinho a fome, senão o negócio vai... E tem também a Vila Santa Luiza de Marillac, onde eu tomo conta das idosas.

Keka Simões – Essa Vila é ligada à Congregação e à senhora?

Irmã Ruth – É, é.

Keka Simões – Quem são essas idosas que ficam na Vila?

Irmã Ruth – Essas idosas são pessoas assim... Às vezes, vem uma pessoa para ver uma casa. É uma pessoa, por exemplo, que já tem uma idade avançada e que não tem ninguém por ela. Tem muita gente que... Coitadas! Muitas pessoas ingratas, que não gostam de cuidar da mãe, não gostam... Mas lá é só feminino.

Keka Simões – Onde funciona, Irmã?

Irmã Ruth – Perto da Igreja das Mercês⁷⁹, em frente à Igreja das Mercês.

Keka Simões – Certo. Voltando um pouquinho aqui, para a Estação. A senhora falou que viajava, que ia para o retiro, pegava o trem, não é?

Irmã Ruth – Sim.

Keka Simões – Excursões também eram feitas de trem. A senhora se lembra de algum caso, alguma imagem interessante relacionada à nossa Estação ferroviária ou ao trem?

Irmã Ruth – Essa inauguração⁸⁰... Nós podemos falar inauguração, porque foi mesmo uma inauguração, já estava tudo... Não é? Parece que roubaram até trilhos, que a gente mesma ouviu dizer. Com a estadia dos ônibus, o trem aqui estava praticamente relaxado. Ninguém mais falava em trem, em viajar de trem. Depois foi muito bom, porque esse trem, indo até Ouro Preto e voltando,

⁷⁹ Igreja de Nossa Senhora das Mercês, no centro de Mariana.

⁸⁰ Refere-se à inauguração do Trem da Vale, em cinco de maio de 2006.

já dá muita coisa assim para Mariana. Esse povo que vem visitar Mariana já tem o lugar também de visitar Ouro Preto, porque pode visitar Ouro Preto e pode visitar em outra condução que não seja ônibus, não é isso? Outro dia mesmo, no dia da festa das ex-alunas do Colégio, nossas ex-alunas fizeram um programa muito engraçadinho, que foi o programa de andar no trem. E todo mundo gostou! Foi uma euforia muito grande para elas! E a moça pediu: “Nós vamos com traje a rigor”. [riso] Com o traje da época!

Keka Simões – Ah! Com o traje da época?

Irmã Ruth – É. Arranjaram chapéu grande, não sei mais o quê, aquelas roupas engraçadinhas... Estava muito interessante! E elas vieram para dar uma puladinha, daqui até Ouro Preto. Até me convidaram. Eu falei assim: “Gente, eu não vou, porque não estou passando bem hoje”. Eu até contei para o rapaz que eu pedi o táxi⁸¹, por causa dos meus pés. Eu falei com a senhora: meu pé estava assim⁸²! Mas já melhorei, graças a Deus!

Keka Simões – Quando a senhora viajava no trem, quando o trem funcionava, antes de ficar tudo abandonado, como eram essas viagens, Irmã? Como era o trem? A senhora lembra como isso aqui funcionava?

Irmã Ruth – Era do mesmo jeito de hoje, só que o trem agora é trem de aço, é mais viável. A gente chega mais depressa. [riso] Porque esse trem aí... Uma vez, nós íamos para o retiro, mas nós [inaudível] excursão e quando nós chegamos à casa onde íamos ficar, no Botafogo, a gente estava morrendo de cansada! Corneta toda suja, toda imunda! A gente não podia se deitar direito, não podia. E corneta... Todo mundo ficava em cima da gente, mesmo quando ia tomar elevador. Todo mundo falava assim: “Ah, Irmã! Baixa esse chapéu!” A gente ouvia todas essas coisas. E a gente falava assim: “Meu Deus! Como a gente vai fazer?” Tinha um preguinho na corneta: a gente pregava, arranjava uma coisinha dessa que põe assim na roupa...

Keka Simões – Um alfinete?

Irmã Ruth – Não. Não era alfinete porque alfinete não cabe. Ela não suporta alfinete. Mas a gente arranjava um pregadorzinho assim, pregava e a corneta

⁸¹ A entrevistada alude ao fato de ter solicitado ao Trem da Vale um táxi para dirigir-se à entrevista. Foi acompanhada pelo monitor Eder Melo.

⁸² A entrevistada indica com gestos que o pé estava inchado.

fechava um pouco, porque a aba dela é isto, não é? A aba dela é isto!⁸³ Quando nós chegamos, mortas de cansadas, a superiora falou assim: “Bom, agora está na hora do almoço. Vocês vão almoçar”. A irmã olhou assim para mim, eu olhei para ela como quem... “Pelo amor de Deus! Nós queremos é um banho, uma cama! Depois, um almoço. Depois disso tudo, queremos um almoço”. Então eu falei assim: “Mas que coisa esquisita!” E ela: “É melhor a gente ir para um outro lugar do que ficar aqui”. E eu falei assim: “Mas para onde nós vamos?” Ela falou: “Ah! Estão oferecendo aí uma...” – como chama? – “... um lugar que diz que é mesmo para excursão. Não tem cama, mas a gente estica lá de qualquer jeito”. Eu falei: “Eu não, eu não quero ir para esse lugar nada, porque depois a gente não tem com que... É melhor a gente suportar esse negócio aqui e almoçar agora. Depois a gente fica mais livre”. Aí ela aceitou. Mas eram esses casos assim.

Keka Simões – Chegava então muito cansada da viagem? Demorava muito, não é, Irmã?

Irmã Ruth – Chegava cansada. E depois, naquela hora, tinha de fazer o que estava no horário, não podia ser depois, não é? Tudo tem seu horário. A Comunidade era muito rígida! Hoje não. Hoje a pessoa viaja, chega aí, a gente oferece um almoço – “O que a senhora vai querer?” –, um banho, alguma coisa, não é? Antigamente não! Chegou, tem de almoçar! Está na hora, porque depois não tem almoço. [riso]

Keka Simões – Outra coisa, Irmã. Quando saíam de férias, como as alunas internas iam para suas casas? Os pais vinham buscar? Tinha condução? Como era isso?

Irmã Ruth – Os pais vinham buscar.

[Trecho retirado por solicitação da entrevistada]

Keka Simões – Eder, alguma pergunta? Meninas?⁸⁴ Bom, Irmã, para a gente está ótimo! Em nome do Trem da Vale, gostaria de agradecer a entrevista, por contar um pouco sobre a rotina do Colégio, um Colégio muito importante na história da educação de Minas Gerais. Muito obrigada.

[Término da entrevista]

⁸³ Demonstra com as mãos o tamanho da aba da corneta: muito larga.

⁸⁴ Os monitores indicam com um gesto que não têm perguntas.